ANO 6.º | Sexta-feira, 18 de Julho de 1913 | NUMERO 280

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	Esc. 1,20
Semestre	» 0,60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	» 2,50
Avulso	» 0,02

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

—(*)—

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Afrontas sobre afrontas

Frases que são um insulto, uma provocação, uma infamia dos degenerados da Vera-Cruz:

" . . . .

Bem se importava éssa gente cá da terra das irmãs de caridade! A gente désta terra que nunca foi liberal nem nunca foi reaccionária, porque só é suscétivel de receber favores e de atirar pedras!

Como eles eram e são inconscientes!

. . . .

As irmãs da caridade saíram porque isso estava no animo de Barbosa de Magalhães; pois não era ele homem que se amedrontasse com as pedradas traiçoeiras da gente ingráta désta terra. Nem o fariam mudar de rumo as manifestações avinhadas com que uma horda inconsciente de garotos pretendeu aniquilar o grupo da Vera-Cruz . . . .

. . . . "

O impudor com que isto se escreve é o mesmo impudor que tem animado ás maiores torpêsas representadas por uma série ininterrupta de crimes, os farçantes que fazem o descrédito dum partido e são a vergonha permanente duma cidade.

Abaixo a quadrilha!

Será désta?

Anuncia-se para bréve nova incursão monarquica pelo norte, que é como quem diz, nova tentativa revolucionária para o estabelecimento em Portugal do regimen dos *andeantamentos*, dos roubos, dos latrocinios e de quantas imoralidades lhe andavam aderentes como tortulho á madeira verde donde lhe tira a seiva.

Se são ou não verdadeiros êsses boatos, se se conspira ou não dentro do país e na visinha Hespaha contra a Republica, não é a nós cértamente que isso compéte averiguar, mas sim ás autoridades, ao govêrno, que tem obrigação, mais do que isso, o imperioso dever de acabar de vez com este estado de coisas que tanto prejuizo nos acarreta e tantos sobressaltos tem produzido.

O país precisa de ordem para trabalhar, de socego, de paz porque é tempo de entrar na normalidade de que se afastou em 5 de Outubro de 1910. De tudo isso êle precisa. E mais: é de absoluta necessidade que quanto antes termine a desconfiança dos homens que dedicamente o servem e que não é digno, não é sério, não é honesto estarem a ser combatidos como canibaes por antigos correligionários só porque estão em partido contrário ou pensam por fórma diversa daquéla que nem a todos é dado pensar.

* * *

Anuncia-se para bréve nova incursão monarquica. Fala-se em tumultos, desordens, agitação. Ha quem ande radiante de contentamento á espera do dia almejado e quem ande receioso por o que de imprevisto êle nos possa trazer. E' uma preocupação constante. Na provincia, porém, redobram as apreensões. Pouco se sabe, nada transpira. Será désta? pergunta-se. Tudo póde ser. Mas o govêrno? O govêrno hade saber cumprir com os seus deveres. Que saíam os conspiradores. Que se mostrem. Que se arrisquem. O resultado depois se verá. Temos qúasi a certêsa de que nem désta nem de nenhuma vez a monarquia triunfará. Caíu. Baqueou e não é crivel que os que a desampararam tenham agora forças para a restaurar. Contudo, as suas tentativas não deixam com que, á vontade, a Republica efectue a sua missão. E' preciso pôr-lhe côbro. E para isso basta apenas que o govêrno não tenha contemplações, ou antes, não continúe a tel-as. Que seja sevéro e tenha energia. Que não ezíte. Nós aguardâmos e . . . confiâmos.

FILMS...

Um folheto

Como noutro logar dizemos chegou até nós tambem pelo correio uma coisa anonima em que —*de luva branca*—se diz ter sido *imbecil e malevolamente* lançado o epiteto de *reaccionária* sobre uma familia *de tradições liberaes, que não tem mancha no seu passado nem pontos escuros na sua vida*, o que nos leva a crêr que ou o autor da catilinária é ulgum doente fugido de Rilhafoles ou então em Aveiro todos são cégos, surdos e... mentirosos.

Ridiculo chama a *Republica* a éssa coisa, que ninguem sabe de onde veio. Nós não lhe chamâmos nada. E' um desabafo dos defensores do tenente medico miliciano Pereira da Cruz, tambem *de tradições liberaes, que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida*...

Bate cérto...

Cura da tuberculose?

Segundo anuncía o importante diário parisiense *Excelsior*, o eminente medico francês, dr. Rosenthal, fez um descobrimento verdadeiramente sensacional.

Declarou o dito medico que uma pequenissima porção de cianureto de ouro é bastante para matar o bacilus da tuberculose.

Se isto se confirma será a cura da tuberculose mais uma das grandes conquistas da ciencia moderna.

Ou será mais uma esperança dolorosamente perdida?

E porque não?

A coisa anonima que aí apareceu, lançada, segundo supômos, por algum dos defensores do tenente medico miliciano Pereira da Cruz, tambem *de tradições liberaes, que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida*, acha extraordinário que tendo este jornal já chamado *ilustre orador*, *ilustre deputado* e *ilustre conferente* a Barbosa de Magalhães *democratico*, agora o apelide de *politico sem escrupulos*. E acrescenta:

> «Contudo José Maria Barbosa de Magalhães é hoje o mesmo que era então; milita no mesmo partido; tem a mesma politica; e, depois daquéla conferencia, muitos e valiosos serviços tem prestado á Republica.»

A conferencia foi uma que aqui noticiámos feita aproximadamente ha dois anos; os serviços á Republica aqueles de que derivam a adesão da *potencia eleitoral* de Veiros, a defêsa de imoralidades que vinham do regimen deposto e tantos outros com que a Republica nada lucra, antes pelo contrário.

Não é, portanto, Barbosa de Magalhães o mesmo em quem tivémos a veleidade de acreditar no momento de fazer a sua adesão e que a coisa anonima cita. Não é. Esse foi de pouca dura. Liquidou como hãode liquidar todos os que viéram com o intuito apenas de não serem lesados nos seus interesses.

Politico sem escrupulos, por que não?

A sedutora...

Lêmos numa carta de Paris para um coléga da capital:

> Gaby Deslys, antes da sua *tournée* na America do Sul, vai passar alguns dias em Lisboa, tencionando alugar um *chalet* em Cintra.
>
> E' esta a informação que nos deu ha dias no *Jardim de Paris* a sua melhor amiga e que a deve acompanhar,—sua confidente sobre tudo.
>
> A loura e maravilhosa Gaby Deslys terminou a série das suas representações sensacionais no Alhambra de Paris e onde recebia um *cachet* diario de mil francos.

De facto, Cintra deve acordar no coração apaixonado de Gaby recordações saudosas, *silhuets* que lhe ficarão gravados eternamente no cerebro assim como cênas palpitantes de amor, ali desenroladas e que jámais voltarão...

Quem será o ditoso que irá amenisar a agudêsa daquélas saudades?!...

E esta?

As más linguas do burgo déram agora a espalhar que o anonimo folheto, que tem feito as delicias da bibliotéca indigena, é da lavra do *dôce* Maria como testemunho de homenagem por ter sido considerado membro honorario da familia após tantas provas de dedicação—todas gratuitas...

Contudo um pouco de ponderação bastará para que tal boato não seja acreditado. Ha, de facto, uma certa paridade de frase, especialmente na parte relativa á citação de *rufias*, *navalhas*, *facadas*, *pulhas*, *vis canalhas*, com aquéla com que êle tratou os habitantes désta terra, que os denominou, entre outros, com o fino distintivo de *malandragem!*

E éssa pouca ponderação far-nos-ha considerar que o folheto não é da penna a que se atribue. Para isso basta o titulo—*de luva branca.* Foi cousa que o figurão nunca viu nas mãos...

O caréquinha

Informam de Paris:

> Partiu para o Rio de Janeiro (via Barcelona) o sr. Homem Cristo, filho, na qualidade de representante e delegado do grupo *Les Amitiés Françaises*, de que é presidente de honra o atual chefe do Estado, o sr. Poincaré. Dizem os jornais que vai fazer no Brazil uma série de conferencias sobre a propaganda da união intelectual franco-brazileira.

Não ha duvida. A escolha não podia ser mais acertada! O que esqueceu foi pedir informações a Mimi Aguglia, a grande artista dramatica italiana... Deviam ser de mão cheia...

Eles o dizem

Ainda da tal coisa anonima que os defensores do tenente medico miliciano Pereira da Cruz, tambem *de tradições liberaes, que não tem manchas no seu passado nem pontos escuros na sua vida*, publicáram:

> «Muita coisa haveria ainda para dizer e documentos esmagadores eu poderia apresentar se tivesse vindo a este campo (ao do Rocio?...) para pôr a nú a vida repelente dos miseraveis. Mas eu vim apenas repelir com o pé........

Alto! Basta! A coice não nos batemos...

TORPEZAS

—(*)—

Um compasso de espéra, um parentisis antes de recordar a biografia do progenitor, se não estâmos em erro, da *insigne* cavalgadura que aí anda a querer atingir na sua honra e caracter o pae do nosso director, que, como temos dito, não foi positivamente um bom discipulo da malandragem da Vera-Cruz porque nem nunca roubou, nem nunca traficou, nem nunca faltou aos seus deveres civicos e profissionaes.

João Bernardo Ribeiro Junior é agora tambem acusado de não ter acompanhado a cambada da Vera-Cruz na sua passagem para a dissidencia progressista e que teve logar por ocasião das desavenças suscitadas entre os srs. José Luciano e Barbosa de Magalhães quando este todo se enfureceu por lhe não dárem uma churuda posta, á meza do orçamento, com que contáva.

Atribuem os zoilos ao pae do nosso director um acto de ingratidão, que não cometeu, por ter ficádo onde estáva, conservando-se fiel ao partido em que um dia se filiou e que nenhuma razão determináva o seu abandono. Já o dissémos e não nos cançâmos de repetir que João Bernardo Ribeiro Junior nunca pediu fosse a quem fosse para desempenhar os cargos de que se tem faládo com desprimor para a sua irrepreensivel conduta moral muito embora haja quem isso lhe queira atribuir á falta doutra coisa.

João Bernardo não era *firminista*, nem *barbosista*, nem *almeidista* como provou durante todo o tempo que ao partido progressista esteve ligado. Conheceu e privou, é cérto, com os marchaes desse partido, em Aveiro,—Manuel Firmino, Barbosa de Magalhães e Almeida Vilhena. Mas de aí até ao ponto de lhes servir de capacho em paga de supostos beneficios, de acompanhar quaesquer desses cavalheiros nas suas dissidencias com o chefe, parece-nos que ninguem, a não ser um ou outro membro da corja, ousará dizel-o porque João Bernardo Ribeiro Junior se tem defeitos são aqueles que lhe adveem do seu desinteresse e da bôa fé e lealdade com que serviu o seu partido e sérve tudo onde tem interferência e para que pédem o seu concurso. Por isso se não compára a outros. Aos apontados e não apontados, mas principalmente áqueles, que ficam, por justificádos motivos, que a vergontea do *liberal* conselheiro póde vir a saber se nisso fizer muito gosto...

E basta que não dispomos hoje de mais espaço. De vagar tambem se chega ao fim, dizendo-se até que é esse o melhor procésso de caminhar...

Prevenimos os nossos correligionários e em geral todos os cidadãos que saibam lêr e escrever e que sejam maiores de 21 anos ou que complétem éssa idade até 21 de Outubro proximo, de que dévem requerer na secretaría da câmara até ao dia 3 de Agosto a sua inscrição, como eleitores, no recenseamento politico que ali se está organisando e hade servir nas eleições suplementares e administrativas de 1913.

Quaesquer esclarecimentos de que alguem tenha necessidade para o mencionado fim, pódem ser solicitados nésta redação que do melhor grado se prestam.

Pela imprensa

Completáram mais um ano de existencia *Os Sucéssos*, que se publicam no Corgo Comum sob a direcção do sr. Antonio Maria Marques Vilar e o *Correio da Feira*, orgão filiado no Partido Republicano Português, que tem por director o sr. J. Soares de Sá.

As nossas felicitações.

= Reapareceu o *Diário de Coimbra*, que ha mezes estáva suspenso.

= *O Rebate* é o titulo dum novo diário prestes a saír em Lisboa.

Será dirigido pelo ex-governador da provincia de Moçambique, dr. Alfredo de Magalhães e propõe-se tratar largamente da questão suscitada entre este e o ministério das colonias.

= Em Ilhavo tambem vai aparecer em bréve uma revista mensal que se intitulará—*A caminho*...

E' seu director o medico Samuel Maia, constando-nos que defenderá as ideias socialistas.

Dr. Rodrigo Rodrigues

O nosso colêga lisbonense *O Mundo* publicou na segunda-feira um artigo em resposta ás insidias que malévolamente se teem espalhado sobre as convicções politicas do ilustre ministro do Interior, dr. Rodrigo Rodrigues, e que de cérta maneira nos apraz registar persuadidos como estâmos de que as notas do *Mundo* ainda um dia nos hão-de servir de argumento quando tivérmos de tornar públicas algumas arremetidas dos falsos correligionários de s. ex.ª contra o seu caracter e outras qualidades que tanto o enobrécem.

Os detratores do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, conhecidos e ainda os que por detraz da cortina o pretendem abocanhar, hãode-se convencer da sua insignificancia e da sua estupidez ao julgar que de algum modo o atingem quando põem em duvida a sua conduta politica, que podería não ter sido a dum revolucionário, mas foi, sem contestação a dum patriota, que se impõe pelo seu talento, dum liberal, que não póde nem déve comparar-se com tantos outros que hoje disso se arrogam porque a Republica é um facto e ser liberal uma condição para mostrar... sentimentos republicanos.

Mas vejâmos o que escreve *O Mundo* daquele que, com tanta inteligencia e critério, exerceu o cargo de governador civil deste distrito e é um dos nossos melhores amigos pessoaes e politicos:

«Para bem se avaliar da correcção de processos de cérto jornalismo e do modo por que, formulando-se afirmações erradas, se procuram manter, apesar do desmentido mais formal, voliâmos a referir-nos ao *canarã*—que em nada se fundamenta, aliás—de algumas comissões politicas de Lisboa terem resolvido não sancionar candidaturas que não fossem de republicanos antes de 5 de Outubro, estando abrangido nesse numero a do atual ministro do Interior. Temos, como ninguem, autoridade para falar no assunto, porque desde os bancos das escolas temos mantido com s. ex.ª as melhores relações pessoaes e politicas; porém, nas colecções dos jornaes republicanos, nomeadamente *O Mundo*, *Vanguarda*, *Liberdade*, *Jornal de Abrantes* e outros, poderá encontrar o leitor mais incrédulo desmentido concreto ás insinuações de quem, ao tempo talvez estivésse longe de alardear um falso republicanismo, que só sabe traduzir-se na vontade de destruir os que estão a coberto das suas investidas.

Como exemplo apenas—que o caso não vale mais!—seja-nos licito referir aqui algumas notas politicas da vida do atual ministro do Interior por onde se verá a bôa fé dos boateiros. Matriculado na Academia Politecnica em 1896, tendo ao tempo 15 anos, tornou-se desde logo conhecido entre os seus condiscipulos como espirito avançado em questões religiosas e politicas, podendo ser citados, entre esses companheiros, o dr. Manuel de Oliveira, governador civil do Porto, dr. Adriano de Vasconcélos e tantos outros. Em 1897 firmava em Lisboa o manifesto dos fundadores da Liga Academica Republicana. Foi um dos estudantes fundadores da Escola 31 de Janeiro, de que se tem conservado ininterrutamente socio, tendo ali organizado um curso de *lições de coisas* a que se referiram com palavras de louvor a *Vanguarda* e o *Mundo* de 1901. Nesse mesmo ano, apesar de militar, aspirante a medico do ultramar, foi presidente da academia de Lisboa na agitação anti-clerical produzida pelo caso Calmon, tendo escrito néssa ocasião o vibrante manifesto *Raça de viboras*, publicado em nome da academia. A proposito da sua tése, escreveu o *Mundo* de 23 de dezembro de 1902 um longo artigo em que, entre outras coisas, se dizia apesar de se tratar de um militar:

O sr. dr. Rodrigo José Rodrigues, que a grande maioria da academia conheceu por ocasião da agitação religiosa, e em que o seu belo espirito, sãmente orientado, produziu o brilhante manifesto anti-clerical, que mereceu os elogios de quantos o leram, é um moço de pouco mais de vinte e dois anos, mas apesar de tão novo um ardente e convicto apostolo das ideias modernas.

. . . .

Cá fóra o nosso amigo e correligionário sr. Rodrigo Rodrigues é vivamente abraçado e felicitado não só pelos seus colégas, como tambem por muitos medicos, que assistiram á sua ultima prova escolar. A breve trecho, os membros do juri abandonam igualmente os seus logares e é conhecida a decisão: —quinze valores. Estava confirmada a opinião unanime que reconhecia no sr. dr. Rodrigo Rodrigues um rapaz de grande talento e um caracter nobre, altivo e trabalhador!

Tendo-lhe resultado de tal atitude a má vontade do ministério das colonias, foi mandado servir, contra a lei e seus interesses, na Africa e na India, onde manteve integralmente a sua orientação politica, sendo por todos conhecido e respeitado, inclusivamente pelos governadores da provincia, a quem a sua correcção e competencia nos importantes serviços que organisou e dirigiu o impunham. Da linha de conduta politica, que manteve, apesar disso, naquele meio ultra-conservador, todos os que o conhecem pódem testemunhar, bastando alguns factos bem caracteristicos: obrigou a iniciar o registo civil na India para inscrever a sua primeira filha, contra a vontade do conselho do govêrno da provincia; chamado como perito perante o tribunal recusou-se, apesar da sua qualidade de militar, a jurar segundo a formula católica; e, por ocasião das festas para a aclamação de D. Manuel, negou-se a concorrer, como os outros oficiaes da guarnição, para a subscrição. Finalmente, tendo adoecido grávemente em 1910, retirava da India quando, chegado a Genova em 6 de outubro, teve aí conhecimento das primeiras noticias da revolução. Este facto determinou-o a seguir imediatamente para Lisboa, abandonando a viagem por mar, por muito morosa, tendo chegado a ésta cidade a 9 de Outubro de 1910. A sua acção politica desde éssa data é bem conhecida. Pois de uma vida politica com taes coerencia e decisão, e sobre que pódem depôr centenares de pessoas, ha quem se proponha inventar e... insistir. E' triste—e mais triste ainda que os que assim falam se digam... republicanos.»

Tem razão *O Mundo*. A culpa, porém, é só dos que se não querem dar ao trabalho de tornar públicas as *prendas* de alguns censôres porque se assim fosse talvez já não houvesse tanto *republicano* a pretender empanar o brilho dos que estão, em convicções e coerencia, muito acima de qualquer suspeita.

OS PUROS...

Nos registos do Monte-Pio não estarão, por certo, referencias a uma simples discordancia proveniente dum mal entendido, sobre a fórma de regular o fornecimento farmaceutico aos associados. O que nêles, porém, se encontram amiudadas vezes são os resultados dos constantes convites feitos a diversas direcções, e seus pareceres, para acordarem na maneira de evitar, ou de diminuir, ao menos, os verdadeiros roubos e extorsões que os membros da quadrilha, abusando infame e criminosamente dos seus direitos de socios, fazíam aos cofres da benemerita e pobre associação.

Foi durante anos um constante assalto, um verdadeiro saque!

Conseguiam de alguns medicos a nota de *urgente* nas receitas e assim só no fim dos mezes é que a direcção conhecia por quanto lhe ficavam os *benemeritos* associados, sempre honrados, sempre dignos e... humanitarios...

Essa gente, desde as duzias de garrafas de aguas mineraes, que ás quatro e ás cinco levava para casa até aos mais caros e variados medicamentos nacionaes e estrangeiros que se dividiam por amigos, familiares, servos e servas, tudo arrebatava á referida associação, sem o mais leve sentimento de reparo, de pundonor ou de honradez; essa gente, diziamos, se fôsse suscetivel dum assomo de dignidade e de vergonha indenisaria o cofre do Monte-Pio, que, exausto por êsses assaltos, têve de diminuir e serciar os beneficios, já de si bem poucos, que fornecia ao socio digno e respeitador do interesse comum, não exigindo muitas vezes o beneficio que a sua situação mais que justificava!

Ainda havemos de pedir uma nota de confronto e provarmos assim por quanto está éssa gente, representada por qualquer dos seus *dignos* membros e outro qualquer socio dos que mais dispendiosos tenham sido para o cofre do Monte-Pio.

E' um abismo!

Não ha memoria duma cousa assim!

Verdadeiros vampiros qualquer dos socios da grande quadrilha!

Onde possam meter os tentaculos, tudo levam!

No Monte-Pio, nas farmacias, nas casas dos clientes, no diabo que os carregue!...

Pic-nic

Na aprazivel quinta dos fidalgos de S. Silvestre, junto á historica egreja de S. Marcos, que dista uns doze kilometros de Coimbra, realisou-se no ultimo sabado por iniciativa do nosso querido amigo Beja da Silva, um *pic-nic* devéras atraente e ao qual assistiram os srs. capitão Raimundo Meira, governador civil de Coimbra, em comissão; Kemp Serrano, inspector da circunscrição escolar; Antéro da Veiga, administrador do concelho de Montemór-o-Velho; dr. Fausto Gavicho; dr. Luciano Pereira da Silva, lente da Universidade; dr. Marcos Martins, administrador de Coimbra; Beja da Silva (pae); dr. Soares Couceiro, Antonio Avelino, A. Carvalho e o director désta folha, que propositadamente ali foi, instádo, para tomar parte em tão agradavel quão surpreendente diversão.

O trajecto para S. Marcos, feito em carros e automoveis atravez os verdejantes campos da linda cidade do Mondego, surpreendeu. Realmente a quem nunca tenha visto os arrabaldes de Coimbra esse passeio é por de mais encantador como soberbo é, pelo imprevisto, o templo de S. Marcos com o seu portico, os seus tumulos e o inegualavel altar-mór, que faz a admiração dos visitantes pelo artistico da sua contextura e é, talvez, o unico, no genero, que existe em Portugal.

Depois, a quinta dos fidalgos de S. Silvestre. Que explendida e que agradaveis retiros que ali se encontram! Só visto, que não contádo. Lá estivémos tambem porque foi lá que Beja da Silva fez servir a todos os convidados um variadissimo jantar com vinho de 1811 e cujo *ménu*, organisado por Beja da Silva (pae), nos deu bem a impressão do cavalheirismo de que é dotada a familia do nosso excelente amigo.

Escusado será dizer que a tarde do dia 12 de Julho é daquélas que hade lembrar sempre como uma das melhores, passadas nas cercanías da velha cidade universitária onde quasi todos fizéram a ultima *étape* da sua vida de estudante.

UM ABORTO

Em dóses alopatas, como que obedecendo a prescrição dalgum *medico* já reconhecido como *abalisado clinico* e *entendido homem de ciencia*, no dizer das pessoas da familia, tem sido pelo correio distribuidos exemplares dum folheto do qual na primeira remêssa logo fomos contemplados, pelo que se vê o vivo interesse que alimentava o seu autor e respectiva emprêsa em fazer chegar a ésta redação o *precioso* trabalho, onde se principia por ludíbriar o leitor com o titulo—*De luva branca*—quando é precisamente o que mais lhe falta a justificar a infeliz crisma com que designaram o aborto infeliz.

Sim, um aborto infeliz.

Nele se revéla um inutil esforço em que a verdade é miseravelmente calcada, pretendendo-se tirar partido e arquitetar periodos de resonancia espalhafatosa, assentes em sentimentos e intenções que nunca animaram o espirito de quantos, como nós, em homenagem exclusiva á verdade dos factos, os temos referido, aludindo áqueles, vivos ou não, que a éla estejam ligados.

E' velha a artimanha, conhecidissimo o *truc!*

Aparentar justificados arremessos de cólera, classicaficar de *hienas* e de *corvos os miseraveis que travaram éssa luta ingloria contra os que já debaixo da terra dormem o eterno sôno*, é para o incauto e para quantos desconhecem a verdade, se erguerem num formidavel impulso de excomunhão, maldizendo os *miseraveis!*...

O sentimento humano, em geral, compartilha das grandes dôres e integra-se na condenação dum acto mau, dum gésto indigno. O autor do folheto foi animado por esse calculo. E' um principio que para muitos serve.

Alvejados em especial por éssa publicação, temos o dever de vir á estacada pôl-a a nú, deitando abaixo todo aquele falsissimo cenário e não menos improprio guarda-roupa, para que a verdade surja limpida e serena tal qual éla sempre resulta da propria existencia dos factos.

Sem pretenções a estilistas, nem assentar a nossa taréfa em moldes do falso e do inverisimil.

* * *

O homem *da luva branca*—mente! Mente, afirmando que imperiosos e irreverentes tenhâmos acordado a memoria daqueles que a morte levou!

Impudica e cinicamente desmentidos num proposito que revolta, ao referirmos factos e cousas do dominio público, integradas na historia désta terra, aos quaes se acham ligados os nomes de muitos que não existem, tivémos de falar em alguns para comprovar e manter as nossas afirmativas e as nossas referencias sem outro intuito mais, como néssas palavras qualquer póde vêr, do que reforçar o nosso argumento, contra o triunfo da mentira com que esses falsos apostolos se pretendiam cobrir, embalados pela doutrina do proverbio latino—*audaces fortuna jovat!*

Mas se para a simples justificação desses factos e invocando nomes de algumas individualidades em quem a vida se apagou, sem outro intuito mais do que justificar as nossas afirmações, como por isso classificados de *hienas* e de *corvos arrancando ao silencio dos tumulos a memoria sagrada dos mortos*—o que será o autor *de luva branca* quando, com manifesto intuito, querendo fazer converger toda a responsabilidade déssa tristissima e reaccionária odisseia das irmãs da caridade, arranca, sem escrupulo, sem vacilação, ao silencio do tumulo, a memoria sagrada do morto José Eduardo de Almeida Vilhena, cunhado e primo de Manuel Firmino de Almeida Maia, por sua vez sogro do falecido Barbosa de Magalhães e avô do deputado *democratico* do mesmo nome, querendo até repudiar esse grau de parentesco argumentando com a nenhuma parecença existente entre os apelidos de familia?

José Eduardo de Almeida Vilhena não merece o respeito pela sua memoria sagrada, como morto, nem que se mantenha o silencio do tumulo que guarda os seus restos? Ou todos esses sentimentos em exclusivo nos faltam quando, referindo passagens rigorosamente verdadeiras e historicas temos de escrever e acordar, sem outra ideia, os nomes de quantos á historia estão ligados?

E' o velho sistêma, a misera escola estabelecendo o principio de que só eles são verdadeiros, são puros, são conscientes!

Da sua bôca e da sua pena só saem palavras justas e santas; no seu coração só se abrigam generosos sentimentos e nobres impulsos; só eles sentem, só eles são intangiveis, elevados, grandes, melindrosos!

Tudo o que vem deles é bom, generoso, justo!

Pódem cuspir vilanías, vomitar afrontas, adulterar a verdade. Não se defendam, não se desagravem!

Então cairá a chuva de todos os vilipendios, de todas as mentiras, a verdade será triturada e tudo medido pela mesma bitóla!

O belo, o bom, o grande, o generoso, passará em 24 horas a ser o horrivel, o mau, o misero, o repelente.

E numa facilidade invejavel justificam eles a mudança de opinião. Quem se não ilude? Quem se não engana?—perguntam na mais adoravel ingenuidade.

Na essencia sempre os mesmos.

São creaturas originariamente deformadas, resultando estes fenomenos, cujas táras o meio cultiva e desenvolve, em apresentar-nos exemplare, eivados de todas as preversões, de todas as manhas, as mais ardilosas, do cinismo o mais revoltante.

Por indole e por educação, cultivando uma escola inteiramente sua, eles são em casa, entre eles proprios, na imprensa, na rua, no convivio, uma preversão completa, com o polido exterior de sentimentos, de calculo e de cinismo, que envergonham os do jesuita Bergeret, famoso personagem do grande drama—*Os Lazaristas*—de Antonio Enes.

O homem *de luva branca* que se esconde miseravelmente no acomedaticio recanto escuro, que as sombras do anonimato lhe proporcionam, tão integrado vem no seu pifio folheto, que chega a ser obsceno no final da 7.ª pagina, que, sem dúvida nenhuma, podemos considerar um triste e desgraçado produto de pesada herança, néla calando como factores principaes—a depravação, a degenerescencia, a prostituição, o furto, o cinismo, a mentira, a preversão e tudo mais que possa transformar o homem, mantendo a imperescivel mancha do crime, num degenerado farrapo, escoria e residuo da miseria social!

Porque aqui, numas apreciações feitas a proposito das cartas do sr. dr. José de Alpoim, referindo-se aos ultimos e lastimaveis incidentes politicos ocorridos, escrevessemos—*a familia Barbosa de Magalhães independente da sua passagem por todos os partidos politicos, era e é, no fundo, essencialmente reaccionária*—o autor do folheto, disfarçou-se quanto poude e após largas cogitações, qual outra montanha parindo um rato, pediu umas luvas da casa, indistintamente, fossem de quem fossem—mas brancas—mesmo muito brancas, para esconderem o esverdeado do fel e a negrura da mentira que lhe escorrera da penna—que nos outros é *navalha*...

O pretexto era soberbo; o têma unico. Aproveital-o mandava a tática dos que espreitam os momentos de se fazerem passar por bons. Nunca *O Democrata*, porém, escreveu maior verdade, como irá provar.

As *luvas brancas* vinham pingadas de cêra dos brandões conduzidos nos prestitos religiosos, nos quaes os membros *liberaes* da familia eram infaliveis e das cerimonias da *entrega de ramos* das quaes foram sempre eternos comparsas!

Foi e é reaccionária—repetimos e vamos provar.

Ainda está de posse dos livros paroquiaes o vigário das Aradas! Apesar de não ter aderido á Republica, de não ter aceitado a pensão, de não reconhecer a Cultual, de abandonar a egreja e de se utilisar das capélas particulares para dizer missa, o Estado ainda lhe consérva éssa regalia pela qual o vigário tão mal reconhecido se mostra.

Por onde se conclue que os padrinhos são tudo. Já o eram ontem e continuam a sel-o hoje..

Parabens, parabens ao vigário.

PARA A HISTORIA

A corja da Vera-Cruz atravez os tempos

Abaixo a mascara!

Produziu, como era natural, extraordinária sensação o ultimo numero do *Democrata* em que os leitores tivéram ocasião de verificar com os seus proprios olhos o quanta verdade encerra tudo quanto aqui temos escrito do famigerado grupo da Vera-Cruz e do orgão *Camaleão*, que o representa, e onde tem vindo estampados os maiores impróprios contra aqueles que por qualquer circunstancia dele se afastam ou com ele nada querem, tão sujo, tão indigno, tão desmoralisado se acha no conceito público. E' que sessenta anos de constante apostasía alguma coisa representa. Não são sessenta dias, são sessenta anos, sessenta longos anos em que nitidamente gravádo se vê nesse papel o espirito de quem nunca teve ideias, convicções, crenças, mas tão sómente desmedidas ambições aliádas com a hipocrisia que é, afinal, a caracteristica de todos os tartufos.

A taréfa que nos proposémos é dificil, mesmo muito dificil e trabalhosa. No entanto havemos de leval-a ao fim excavando no monturo da Vera-Cruz tudo quanto possa servir de prova para demonstrar a falta de coerencia da famosa quadrilha, que diz e desdiz, afirma e néga conforme lhe pagam ou ainda consoante a situação de que depende, como a seu tempo aqui se hade mostrar.

Hoje proseguirêmos nas transcripções sobre José Estevam Coelho de Magalhães, o grande artista da palavra, o audaz combatente das irmãs da caridade, o homem virtuoso que Aveiro consagra e venéra, mas que não obstante as suas virtudes foi insultado, injuriádo, caluniádo, como tantos outros, no orgão *Camaleão*, o mesmo que hoje se diz *republicano democrático* defende as imoralidades dos parentes e ataca, seguindo os velhos habitos, por atavismo, as pessoas mais consideradas désta terra na louca pretensão de as equiparar com conselheiros gatunos, medicos burlistas e quejandos irmãos na arte e na ciencia do padre Antonio Vieira.

Eis o que se lê no *Campeão das Provincias*, n.º 924 de 4 de Maio de 1861:

«Que importam as flôres de retorica que bordam os discursos? O país não se governa só com brilhantes palavras. E o homem público, que tivér de recorrer ao sufragio dos seus concidadãos, deve lembrar-se que não é só na hora em que se vê em perigo que deve impetrar o concurso do país. Deve ser grato e reconhecido ás finezas que recebe, em vez de se tornar **ingrato e traidor, pagando com negra deslealdade os relevantes serviços de que se utilisou e prevaleceu.**

A eleição que aí acaba de dar-se foi apenas o pano da amostra. O tempo falará por nós, e esperâmos não ser desmentidos.

Não foi Aveiro que nomeou o sr. José Estevam, foi Vagos, prevalecendo a mais escandalosa das batotas eleitoraes que se teem presenceado nêste país. Foi Vagos quem lhe deu maioria. A terra charnequeira, é que valeu ao velho tribuno parlamentar. Vagos é a parte mais distante da capital do circulo, e ainda aí não caíram bem fundo **as ingratidões do moderno Fabricio.**»

E no numero seguinte de 8 de Maio do mesmo ano:

«E' geralmente sabido em Aveiro que algumas correspondencias daqui, inseridas no *Nacional*, são concertadas no sinédrio da rua da Cadeia, sendo principaes colaboradores délas os srs. José Estevam Coelho de Magalhães e Bento de Magalhães. Repetimos apenas o que se refere em todos os circulos da cidade, e o que todos comentam bem desfavoravelmente para os autores daquêles **specimens da calunia,** a que nem sequer ousam dar publicamente a paternidade.

Aos dois Magalhães de Aveiro fere-os ainda hoje a desconsideração que sofreram, quando o ano passado o primeiro foi por tal fórma tratado, que o nome do segundo andou a jogar a cabra céga por dois circulos, sem que em ambos obtivésse um unico voto!

Não admira por isso a sanha com que o proprio sr. José Estevam fala na sua correspondencia de 1 do corrente, publicada no *Nacional* de 3, da eleição de Agueda, com o fim de vêr se com taes arteirices indispõe o administrador do concelho com o ministro do reino, e o sr. Rebelo da Silva com o sr. marquez de Loulé. E' uma espertêsa, que descóbre o autor, e em que não fariamos reparo, se porventura não lhe conhecessemos a procedencia.

Podemos asseverar, que se o *candidato do povo* (Manuel Firmino!) triunfasse em todo o circulo não estouraria um só foguete, nem as musicas da terra tocariam em sinal de jubilo por aquêle acontecimento. O povo préza mais a sua dignidade que **esses parias,** que tendo sofrido uma derrota vergonhosa nas localidades em que arrotavam influencia e valimento, andaram depois a **fazer gala do sambenito, deitando foguetes, na frente das charangas, e tornando-se alvo dos apupos do rapazio travesso.**

Estas caricaturas é que fazem rir e são só proprias dos pobres de espirito!

Parece-nos ter dito o bastante para fazer vêr quem são os correspondentes do *Nacional*, e o valor que teem as suas objurgatorias faciosas. Contudo acrescentaremos de passagem, que alguns periodos da aludida correspondencia se hostilisam uns aos outros. Para justificar a asserção basta produzir o seguinte paragrafo, que serve de fecho á que nos referimos:

«... estas eleições em Aveiro podiam servir de modêlo pelàs diligencias que empregaram gregos e troianos, pelo empenho que pozéram em mover a opinião dos eleitores, pelos recursos legitimos que para esse fim fôram empregados, pela inauguração das reuniões populares, e pela animação e fervor de todas as opiniões e interesses, que o sistêma constitucional vê com satisfação e proveito agitar-se nas eleições.»

Este periodo deve-se á penna do sr. José Estevam. Disse muita cousa feia, para depois ter a honra de, a si proprio, **se dar o nome de caluniador!**

Em conclusão:

Não é o estrondo dos foguetes e das charamelas, nem os vivas de agentes assalariados, entoados em jantares eleitoraes, que disfarçam a derrota que o sr. José Estevam teve em Aveiro e Ilhavo! Aonde estão éssas maiorias fabulosas de seis centos, oito centos e mil votos, que o sr. José Estevam tinha em Ilhavo e Aveiro? Desfez-se tudo. A verdade vae abrindo os olhos a todos. **O povo é considerado hoje como canalha pelo sr. José Estevam e pelos seus amigos!** Basofeia-se só na imprensa, alardeando-se fôfa popularidade!... **Já lá vae o tempo em que os administradores de concelho depunham nas mãos da autoridade superior os seus diplomas, por não poderem trabalhar na area em que tinham jurisdição contra o nome do sr. José Estevam!** Um homem novo. (Manuel Firmino!) com uma carreira publica ainda muito curta, sem os milhões do Brazil á sua disposição, apresentou-se em campo, e só poude vencêl-o a **batota feita num concelho sertanejo, onde o ouro da corrução havia avassalado algumas consciencias!**

Estas lições são memoraveis e devemos todos registal-as. A verdadeira popularidade não é a que se compra com **libras sterlinas;** é a que nasce da dedicação do povo, que sabe distinguir os **verdadeiros dos falsos amigos.**

. . . .

O candidato da oposição não tinha só por farricoucos o vigario geral da diocese, e as hordas da Vist'Alegre: **os moedeiros falsos militam tambem nas suas fileiras!**... Era preciso tudo e recrutava-se sem escrupulo. O caso estava em vencer-se. Se se perdesse a eleição, adeus risonhas esperanças, adeus futuro doirado, adeus tudo quanto podia lisongear a **fofice de tanto pobre de espirito.**

Alegre-se a oposição, e toque o hino, **que os fundos da moeda falsa vão ser procurados no mercado e cotados por preços altos.** E' tempo de continuarem mansamente tão santos e piedosos misteres. **Os falsos moedeiros precisam de grandes protecções, para fazer o seu trafico impunemente...**

Fartar, fartar, vilanagem, que tempo virá em que a justiça vos dará caça, não vos deixando pôr pé em ramo verde.

No entretanto vão basofiar para a imprensa, e conspurcar os nomes dos individuos, de quem temem a justa perseguição. Estrebuchem que o publico que os conhece ri-se das **espertêsas palermas, que com alvar insolencia veem assoalhar, por o meio dos tipos.**

Escrevam os moedeiros falsos seus leprosos libelos, mas firmem por baixo o nome. E' a desafronta mais estrepitosa que podemos tirar dêsses **vilões soezes, que não teem dignidade, nem brios.**

A'vante, moedeiros falsos! folgae, folgae enquanto a devassidão fôr incensada pelos que arrastam o turibulo ante êsses tartufos da opinião e da moralidade.»

A' vista disto e do mais que está para vir, qual admira, pois, que o *Camaleão* seja hoje aquilo que se sabe? Não é de todas as épocas a sua infinita pulhice? Não tem ele carta branca para dizer tudo e tudo explicar como a coisa mais natural dos mundos? José Estevam foi cuspido um dia; mas no outro, quando á corja conveio, José Estevam passou á categoria dos grandes com a mesma facilidade com que lhe tinham arremeçado a lama! E assim por diante, nésta linha de conduta que tem sido, é e hade ser o seu maior padrão de gloria.

Salvé *Camaleão*, orgão *democrático* dos *puros* liberaes da historica Vera-Cruz!

Salvé! Salvé!

DR. JOÃO FEIO SOARES DE AZEVEDO

Na passada segunda-feira désta semana, pelas tres horas da tarde, após prolongado e doloroso sofrimento, faleceu o sr. dr. Soares de Azevedo, digno secretário geral do govêrno civil dêste distrito em cuja capital ha cêrca de dezesete anos se encontrava no desempenho dêssas funções para que fôra nomeado a 3 de abril de 1896.

Caracter lhano e afavel, coração sempre aberto ao bem, incapaz de abrigar na limpidez da sua alma o mais insignificante sentimento ruim, conciliador e justo, o dr. João Feio Soares de Azevedo, deixa apenas entre todos os habitantes désta terra uma perduravel saudade e um nome respeitado e querido.

O falecido, que os efeitos de uma terrivel enfermidade aniquilou aos 62 anos, era natural de Pedregas, concelho de Vila Verde, onde possuia alguns bens de fortuna.

Nasceu em 18 de dezembro de 1851, formando-se em direito em junho de 1875 e entrando a seguir na vida politica, no desempenho de diversas comissões importantes até que, sendo nomeado secretário geral para o govêrno civil de Santarem, de ali foi colocado no de Aveiro na data acima indicada.

Deixa viuva a sr.ª D. Quiteria Alexandrina de Abreu Couto e Campos e tres filhos, um dos quaes estudante de direito—Alberto, José e D. Maria Julieta.

O cadaver seguiu para Braga, onde ficou no cemiterio daquéla cidade minhota, em jazigo de familia, resumindo-se em meia duzia de pessoas, as mais intimas, quantas se encorporaram nêssa piedosa romagem, por não haver ensejo para que esta cidade podésse, na sua ultima homenagem, evidenciar o elevado gráu de estima e de simpatia votado ao falecido, de quem só recebeu provas de deferencia e consideração.

A toda a sua familia, tão profundamente ferída por tamanha desgraça, que ha 4 mezes incompletos ninguem faria prever, apresenta *O Democrata* a expressão mais intima da sua condolencia.

Comissão Distrital Politica de Aveiro

Ficou eleita no ultimo domingo esta comissão com os seguintes membros:

Efectivos

Silvererio Ribeiro da Rocha e Cunha, primeiro tenente da Armada, de Aveiro; dr. Joaquim Pinto Coelho, de Espinho; dr. Eugenio Ribeiro, de Agueda; dr. Samuel Maia, de Ilhavo; dr. Antonio Joaquim de Freitas, de Oliveira de Azemeis e José Candido Marques de Azevedo, da Vila da Feira.

Substitutos

Dr. Augusto Corrêa do Amaral, de Macieira de Cambra; Rui da Cunha e Costa, de Aveiro; dr. Alvaro de Almeida Amorim, de Sevér do Vouga; dr. Angelo Pereira de Miranda, de Arouca; Fernão de Lencastre, de Oliveira de Azemeis; Aristides Seabra, de Anadia e Manuel dos Santos Ferreira, de Oliveira do Bairro.

UM QUADRO

No estabelecimento de moveis pertencente ao sr. Francisco Casimiro da Silva está em exposição um quadro, cujo desenho assenta em azulejos, guarnecido duma magnifica moldura, que é digno de ser admirado, não só pelo argumento que traduz como ainda especialmente pela magistral e nitida execução do desenho que é do nosso conterraneo e conceituado artista, sr. Licinio Pinto.

O quadro, que é grande, representa uma das inumeras cênas da guerra peninsular no ano de 1809, quando a cidade de Saragoça, investida pelos francêses, sob o comando do general Verdier, se defendeu leoninamente, não evitando contudo que os guerreiros, coadjuvados pela legião portuguêsa e comandados por Gomes Freire de Andrade penetrassem na cidade, procurando os hespanhoes em todas as partes, pontos de apoio para continuarem a sua valorosa defêsa. O quadro representa uma fáse déssa luta, travada dentro da egreja de Santo Agostinho, na qual os hespanhoes, levados de vencida, transformaram o pulpito num magnifico reduto onde por largo tempo sustentaram heroicamente o impeto das tropas inimigas.

O desenho é completo, destacando-se com toda a nitidez não só as figuras como os seus vestuários e ainda as fisionomias dos combatentes nas quaes estão reproduzidas as impressões que lhe vão na alma.

E' sem duvida um bélo trabalho que honra o seu autor e que o anima a novas tentativas onde possam brilhar as suas aptidões, que as tem de sobejo, assim como representa uma magnifica aquisição para quem, admirador da arte e do bélo, possa adquiril-o.

Está explicado

A inesperada e á primeira vista inexplicavel inclusão duma cérta individualidade no numero dos *velhos e dedicados amigos* da quadrilha, a proposito duma velha questão hoje discutida, que a todos trazia intrigada, acaba de ser, por um curioso observador, complétamente explicada e justificada em absoluto as qualidades e mais virtudes que concorrem nos membros da asquerosa e lendaria familia.

Trata-se, dum testamento que foi feito a favor dumas determinadas creaturas, testamento que, ao ser conhecido, deve pôr de lado qualquer duvida que podésse haver a respeito de várias chefes de casta, onde eles aparecem sob tres aspectos: de facto, de direito e por... afinidade!...

Dê-se o tempo ao tempo...

NOTAS DA CARTEIRA

Embarcou na segunda-feira com destino ao Rio de Janeiro, o nosso amigo e prestante correligionário do Bomsucésso, Amandio Ribeiro da Rocha, por cuja felicidade fazemos votos.

Amandio da Rocha era um dos melhores elementos com que a Republica sempre contou na visinha freguezia das Aradas, deste concelho, e por isso se avalia o quanto é sentida a sua ausencia alí, onde egualmente gosava da estima de todos os seus conterraneos.

Desejando-lhe uma feliz viagem, será para nós motivo de intima satisfação se num praso mais ou menos curto o encontrarmos de perfeita saude e de regresso á sua terra, que tanto adora.

= Fez anos ha pouco o nosso presado assinante de Africa, sr. Manuel Corrêa, que em setembro é esperado na sua casa da Ribeira de Ovar.

= Partiu para S. Pedro do Sul o nosso bom amigo sr. Manuel Barreiros de Macedo, vereador da câmara e importante industrial nésta cidade.

= De regresso da Madeira chegou no dia 15 o fiscal dos impostos João Coelho.

= Estivéram em Aveiro os srs. Francisco da Cunha e Silva, muito digno farmaceutico no Couto de Cucujães; Antonio Corrêa Duarte, de Castrovões; José Joaquim Fernandes, do Carregal; Tavares Afonso, de Requeixo; Nicolau Cunha Lobo, administrador de Castélo de Paiva; dr. Eugenio Couceiro, esposa e filho, da Mealhada e Manuel Teixeira Ramalho, de Cacia.

RECORDANDO

A incursão monarquica de ha um ano

O que era e é a politica de Cabeceiras de Basto---Ainda o célebre padre Domingos

A Rotandade, nosso colêga de Braga, publicou no seu numero de 12 do corrente um consciencioso artigo para comemorar os acontecimentos politicos de que o norte ha um ano foi teatro e que tanto interessaram, pela sua gravidade, o país e o estrangeiro. Lendo-o, não podêmos furtar-nos á sua reprodução, porque a *Rotandade*, com toda a clarêsa, mostra até que ponto os republicanos fôram responsaveis nesses tristes sucéssos por se deixárem iludir com a mira de conseguir adeptos que colaborassem nas suas ambições, julgando —os ingenuos!... — que pódem algum dia ser sinceros aqueles que, como o bandido padre Domingos, toda a vida teem levado em constantes cabriolas, mas sempre a quererem passar por honéstos, dignos, incorrutiveis.

A lição de Cabeceiras de Basto devia ser um aviso. Não o foi, infelizmente para a Republica. E se ésta mais golpe identicos receber tambem não é porque não haja republicanos, que, pondo acima de tudo os principios, aos poderes públicos denunciam a falta de escrupulos e de convicções de cértos *marmanjos* sempre prontos a dárem o seu concurso a tudo quanto seja de interesse... *para o país*...

Segue o aludido artigo da *Rotandade*, a quem pedimos licença para arquivar no nosso jornal:

«Acaba de decorrer um ano sobre os acontecimentos politicos, já tristemente célebres, que em Cabeceiras de Basto se desenrolaram, e que tivéram como principal protagonista o famigerado padre Domingos Pereira, que foi fundador e presidente do *Centro Democratico* daquéla vila.

O padre Domingos foi na vigencia do regimen monarquico o braço direito do cacique Francisco Botelho, ultimo governador civil monarquico dêste districto, e, por tal fórma se houve no desempenho dos papeis que o amo lhe distribuiu, que os seus meritos de caceteiro e de vilão não tardaram a espalhar-se por todo o Minho. Nas ultimas eleições monarquicas realisadas em 28 de agosto de 1910 representou o padre Domingos o infamissimo papel de *vencedor de eleições, á sovéla*, no concelho de Fafe, para onde o havia destacado o seu amo Botelho com a respectiva quadrilha de caceteiros ás ordens e as costas quentes por forças de infanteria e cavalaria. Assim escudado, *o valentão* cometeu prodigios de bravura distribuindo *sovélas* pelos seus sequases que por sua vez as enterravam nos rins dos eleitores graduados que ao *blóco* monarquico iam dar os seus votos. Esta e outras façanhas, como o roubo das urnas eleitoraes, tanto em voga nêsse tempo, constituiram o padrão de gloria do desqualificadissimo biltre que, no parlamento da Republica, conta com um deputado seu, e que, ás suas ordens, faz girar ainda hoje toda a politica de Cabeceiras de Basto.

Proclamada a Republica foi a Cabeceiras de Basto um enviado do governador civil de Braga para que a proclamação ali se fizésse tambem, a não ser que Cabeceiras, insubordinando-se, se constituisse em estado independente...

Efectivamente o sr. Alvaro Pipa, que éssa missão recebeu do governador civil, dirigiu-se a terras de Basto aonde encontrou *tudo a postos para a proclamação, com condições!*... E quem dirigia aquêles marmanjos armados de varapáus era o padre Domingos que *só consentia em que a Republica se proclamasse ali se a Câmara constituida pela sua gente continuasse á frente dos negocios municipaes, e se para administrador fôsse nomeado certo apaniguado seu!*

O sr. Alvaro Pipa, é claro, recusou-se a *negociar* com o *soba*, o que levou o figurão a reduzir o numero das suas reclamações. Novamente desatendido pelo representante do govêrno da Republica, o padre Domingos mostrou-se irrequieto e a perspectiva de qualquer cousa gràve era evidente.

Repetiram-se os conciliabulos e a Republica proclamou-se com *auctorisação* do *régulo* ficando na Câmara um representante seu. Toda aquéla gente deu *vivas* e acabou o entermezo.

Aproximam-se as eleições constituintes e o padre Domingos com o seu povo elege deputado seu. Funda-se o Centro Democratico de Lisboa e o padre Domingos acorre a inscrever-se pela mão do seu procurador e deputado. Em seguida, e para dar mais um testimunho da sua fé republicana o biltre funda *um Centro Democratico na sua terra* aonde faz inscrever os seus caceteiros. Depois, os republicanos locaes passaram a ser guerreados e perseguidos pelo padre Domingos, ou antes **pelo administrador Mendonça Barreto que outra cousa não era senão o desdobramento da personalidade politica daquêle miseravel.**

. . . .

Conspira-se no país e lá por fóra contra o regimen republicano. A teia da conspiração monarquica de Julho do ano passado em Cabeceiras urdira-se de longo tempo e no espaço de Cabeceiras e Celorico de Basto, Fafe e Montalegre. As denuncias contra o chefe padre Domingos e seus correligionários sucediam-se, mas as auctoridades

CLUB DOS GALITOS

Excursão á Povoa do Varzim promovida por este Club e acompanhada por uma excelente banda de musica, em 3 de Agosto de 1913

2.ª CLASSE—1$500 3.ª CLASSE—1$100

ITINERARIO: Aveiro-Gaia (com paragem em Estarreja); Gaia-Boavista, em eletrico; Boavista-Povoa do Varzim.

A inscrição acha-se aberta na séde do Club e em diversos estabelecimentos

---

locaes não acreditavam ou não queriam acreditar que tão *bom republicano* pegasse em armas contra a Republica.

O padre Domingos fazia viagens misteriosas e reunia na sua casa da Rapozeira as suas hordas guerreiras sob a vigilancia de homens armados que patrulhavam as visinhanças da sua habitação.

A éssas reuniões assistiram, por vezes, um ou dois oficiaes do exercito e individuos engravatados daquéla terra que não quizéram acompanhar os seus camaradas no infortunio para o presidio para, no atual momento, dispôrem dos destinos daquêle malfadado concelho.

O contrabando de guerra fazia-se ás escancaras, chegando duma vez a acampar, num pinhal junto áquéla vila, um grupo de dez ou doze contrabandistas com os respectivos fardos. Tudo foi denunciado; mas... era mentira.

Foi assassinado a tiros de revolver o empregado do Centro Republicano local, Antonio Previlegio, por ter o defeito de ser republicano; mas ninguem acreditava no fermento da conspirata.

Foi espancado barbaramente o sucessor daquêle empregado, Bernardino Ferreira Machado; mas tudo corria bem...

Por ter a ousadia de denunciar alguns factos preparatorios da insurreição monarquica foi zurzido, violentamente, no dia 24 de junho do ano passado, o fiscal dos impostos em serviço naquêle concelho, Augusto Egas de Mélo. Preso um dos auctores do atentado, o administrador Mendonça Barreto não conseguiu metel-o na cadeia por o *povo* ter recalcitrado; a benevolencia acalmava os animos.

A correspondencia com a Galisa era feita por emissarios especiaes. As subscrições particulares para a compra de bandeiras azues e brancas e outros artigos foram muito bem acolhidas.

Não faltou a sêda comprada no Porto para os pendões, e algumas damas daquéla vila na sua confeição mostraram a sua habilidade até aí desconhecida.

De Lisboa foi mandado ali por alguem um individuo com a missão especial de investigar de perto os factos politicos um tanto anormaes. E esse agente falou com o mano, passeou com o padre Domingos como foi visto por pessoas dali que todo o credito merecem, tateou o administrador, auscultou o *povo* e telegrafava para Lisboa: —a nossa gente não conspira.

Estamos no mez de junho.

Reiteradas instancias fôram feitas da parte de alguns republicanos cabeceirenses para que de Braga lhes fôsse enviado armamento para sua defêsa, visto que os inimigos se armavam e já sem rebuço ameaçavam com represalias os defensores da Republica. Por meados dêsse mez passa em Braga com direcção a Coimbra o dr. Florencio Lobo que para ali se dirigia a fazer os seus actos do 5.º ano juridico. Fala com Afonso Miranda a quem solicita socorros para os seus amigos.

Dez dias antes da insurreição segue para Cabeceiras o director désta folha Teotonio Gonçalves que, por ordem de Afonso Miranda ia levar aos correligionários de Cabeceiras algumas *laranjas* destinadas a *matar a sêde* aos miseraveis traidores que, contra a Republica e a Patria, se mostravam arrogantes.

. . . .

O padre Domingos convoca pela ultima vez a uma reunião os seus marechaes. Resolve-se néla cortar as linhas telegraficas, caso muito discutido pelos assistentes; intercetar a estrada de Cabeceiras a Braga; deixar livre a estrada de Vila Pouca de Aguiar a Cabeceiras por onde viria Paiva Couceiro; transferir as armas do Cemiterio Municipal para o arsenal da Rapozeira, que era um alpendre do José Eduardo Pereira Leite; etc., etc. Mas a Rapozeira festeja ainda o S. Pedro aonde a iluminação faz destacar as flamulas azues e brancas que ornamentam os seus edificios **e onde o infeliz Mendonça Barreto se diverte á larga com os seus assassinos e socios no Centro Democratico.**

Depois... depois surge o dia sete de julho com as estradas cortadas e as linhas telegraficas intercetadas. Désta cidade e ás 2 horas da tarde dêsse dia seguem em automovel para ali, afim de socorrer alguns amigos correligionários, os cidadãos Afonso Miranda, Augusto Caldas, Aurelio Caires e o director désta folha, Teotonio Gonçalves.

Em Sobradêlo da Goma, concelho de Lanhoso, são aclamados com vivas a Paiva Couceiro e á monarquia. Foi então que Afonso Miranda inculcando-se como sendo o proprio Couceiro conseguiu saber daquêles palermas o estado dos espiritos por ali: os abades da Esperança, Bucos e outras freguezias tinham avisado toda a gente para que ninguem faltasse...

De novo se pozéram a caminho e quanto mais se aproximavam de Cabeceiras mais evidentes eram os estragos junto á estrada, postes e fios telegraficos cortados, tudo indicando o estado de sublevação em que aquêles povos se encontravam.

Em S. Nicolau surge-lhes pela frente um numeroso grupo, alguns tresentos homens, todos munidos de espingardas que sobre êles descarregaram repetidas vezes. Estes nossos amigos defenderam-se como pudéram com pistolas e bombas de que iam munidos, mas, dada a impossibilidade de romper o flanco inimigo, visto que os miseraveis além de muito numerosos, na sua frente se encontravam ainda entrincheirados nas rampas das estradas donde chegaram a desfechar sobre o automovel, decidiram recuar. Eram 4 horas da tarde.

Nêsse mesmo dia e pouco depois do ataque feito em S. Nicolau aos republicanos de Braga contra quem dispararam algumas centenas de tiros, sem resultado, felizmente, os assassinos dirigiram-se para a vila. Ali chegados desfecharam contra o secretário de finanças, o nosso amigo Joaquim Ramos Taborda, deixando-o mortalmente ferido. O administrador Mendonça Barreto, depois de muitas descargas de fusilaria disparadas pelos conspiradores, é varado por uma bala que o leva á morte. Um automovel que conduzia dois empregados do correio, o dr. Afonso Henriques, Candido Bastos, Alberto de Sousa, Bocacio Carneiro e outros, todos empregados em restabelecer as comunicações telegraficas entre a vila e o Arco de Baúlhe, é obrigado a fugir para Fafe por os revoltosos terem atirado sobre êle. Dispersos os republicanos, as forças revoltosas, bem armadas e municiadas, deslocaram alguns grupos para darem caça aos republicanos e ás pessoas que lhes faziam sombra. E, assim, atacam com fusilaria em S. Nicolau um grupo de cavalarias que ali andavam em exploração; procuram em Fontão o dr. José Cezar Vale e Vasconcélos que ali tinha estado por momentos; atentam por duas vezes contra a vida de Arnaldo José Miranda de Barros; cercam o esconderijo de Domingos de Magalhães, de Passos; assassinam, em Rio Douro, o major reformado Baltazar Macêdo; ferem em Cavez, com um tiro de revolver, um caseiro que de noite estava a conversar com o seu senhorio Julio de Vasconcélos, nos seus eirados; é morto na mesma freguezia um criado do dr. Manuel Justino de Vasconcélos, e este procurado por um grupo armado, em Cunhas, e convidado, em Cavez, a fazer uma visita medica pelo preço de 50$000 reis para ser assassinado no caminho; Eduardo Gonçalves de Moura e Teixeira Bastos são tambem ameaçados de morte, etc., etc.

A montaria foi apertada, levando a todos os republicanos o mêdo e a consternação, pois estavam geralmente desarmados. E só no dia 10 quando as forças republicanas ali chegaram é que aquêles martires pudéram respirar.

Seguiu-se a organisação do tribunal marcial e seguiu-se depois o que de todos é conhecido. Não faltaram então os protestos de inocencia por parte de verdadeiros chefes conspiradores que por lá palmilham arrogantes as ruas da vila e que ainda se impõem, politicamente! Alguns déram até pic-nics a alguns oficiaes como prova do seu lealismo republicano.

. . . .

E como ha um ano, continua hoje a conspirar-se em toda a região de Basto, como geralmente em todo o norte, senão em todo o país. Por toda a parte, salvo raras e por isso honrosas excéções, as auctoridades estão inconsciente ou criminosamente com os traidores. Os elementos republicanos que em defêsa da Republica põem toda a dedicação patriotica e todo o ardor republicano, tem sido sistematicamente postos de parte, injuriados e perseguidos.

Um pequeno compasso de espera a mais e a beleza da politica republicana seguida nêste districto hade patentear-se evidente aos olhos de todos, mesmo dos cégos.

. . . .

Vexados, injuriados e perseguidos, hoje mais que nunca continuam a sel-o os republicanos desinteressados e leaes. Os politiquêtes desmiolados, vorazes e sem sombra de caracter, tripudiam sobre êles, acalentando junto ao coração, se coração possuem, as viboras venenosas e traiçoeiras.

. . . .

Sucede em Cabeceiras o que geralmente sucede nésta cidade e em muitos concelhos dêste districto: apadrinha-se a ralé monarquica, mas só a ralé, para isso calcando e infamando os bons e velhos republicanos. Não se faz uma politica de atração como desejariamos chamando o que de honesto e limpo ainda resta da monarquia. Faz-se pelo contrario uma politica pessoal, sem escrupulos, sem inteligencia e sem o minimo respeito pelos principios que acima de tudo e antes de tudo desejariamos vêr salvaguardados.

. . . .

Já lá vae um ano, e opurtuno julgamos a publicação das ligeiras notas que aí ficam, despretenciosas, sem brilho, escritas sobre o joelho por um leigo, mas cheias de sinceridade e de verdade. Cheias daquêla autoridade que dão o caracter, a firmeza de principios, a lealdade politica e o desinteresse manifesto em todos os nossos actos. Não tem brilho nem fórma literaria o nosso arrazoado, mas êle constitue uma pagina da historia politica dêste districto quê algum dia se hade fazer. E é para éssa historia, livre já de suspeitas, de coacções e de intrigas, que nós escrevemos com o coração nas mãos sangrando de dôr por tudo o que por aí se tem feito e continua fazendo em contradição com a Justiça, com o bom senso, com a Moral e com os sagrados principios pelos quaes tantos anos se luctou e tanto sangue foi derramado.»

ENTÃO?

Não ha uma alma caridosa que ouça esse triste e desafinado *duo* do *Bichêsa* e *Bébes*, este a *engorgitar marquêses* sobre *marquêses* aquele a ir para a repartição ao meio dia e a saír ás treze, só para nesse intervalo escrever baboseiras e escrever dislates, afinando no mesmo tom do alegre camaradinha, que passa ordens de marcha e guias para inspecções sanitárias a individuos que não os acompanham nas suas libações ou na execução das suas infamias?

Não ha por aí uma alma caridosa, bem fazeja, que aquiete aqueles aleijadinhos, ao menos com a fráse de caridade e de esperançoso conforto: *não póde ser... não ha pão cosido?!...*

Chega a condoer-nos tão profunda imbecilidade...

Os pobres... de Cristo...

Codigo eleitoral

Recebemos, editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, um exemplar désta nova publicação que acaba de ser posta á venda ao preço de 5 centávos e na qual se contém a lei de 3 de Julho de 1913 e decreto n.º 17, que regulam os diferentes actos preparatorios para as eleições suplementares ao Congresso da Republica e dos corpos administrativos.

Agradecendo a oférta, cumpre-nos informar os leitores que tanto o Codigo Eleitoral, como todas as publicações, incluindo impressos de instrução primária, saídas da Imprensa da Universidade de Coimbra, se encontram á venda na *Livraria Central* do nosso amigo Bernardo Torres.

Teatro Aveirense

Agradáram muito as récitas que a companhia do *Republica*, de Lisboa, veio dar nas noites de 15 e 16 no nosso teatro.

Tanto a *Primerose* como a *Fédora* foram muito aplaudidas, saíndo o público devéras satisfeito com o desempenho correto das duas péças.

Revisão do recenseamento

Segundo informações, constanos que éla se não faz em harmonia com a lei eleitoral e decretos que a explicam. Veremos depois e falarêmos. A lei hade cumprir-se. Falarêmos porque já temos dados para dizer da nossa justiça ou injustiça.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JUNHO

DIAS	PHARMACIAS
20	ALLA
27	BRITO

Concurso

Faço público que a partir de hoje e por espaço de 10 dias, que terminarão em 28 do corrente, por 15 horas, se acha aberto o concurso entre os jornaes désta cidade para a publicação dos anuncios ou editaes da Comissão Concelhia de Administração dos Bens do Estado, no concelho de Aveiro e que serão compostos em tipo miúdo (corpo oito) e sem espaços. As propostos dirigidas ao signatário dêste, serão apresentadas em carta fechada, devendo indicar o preço da linha de composição, sendo obrigatória a remêssa de dois exemplares do jornal onde a publicação se fizer, ao mesmo presidente.

Aveiro, 18 de Julho de 1913.

O Presidente da Comissão

André dos Reis

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 12

Terminaram os exames elementares do 1.º gráu nésta freguezia.

Foram propostos e aprovados oito alunos da escola do sexo masculino e cinco meninas da escola do sexo femenino.

Veio presidir a estes exames o ex.mo sr. Angelo H. da Silva Ferreira Marques, muito digno professor do Pinheiro da Bemposta.

=Têm estado dias de calôr fortissimo, que muito tem prejudicado os milhos temporãos e até alguns do campo. Se não viér chuva por estes dias, pódem muitos lavradores contar com bastante prejuizo.

=Já se encontra muita gente a banhos do rio Vouga, na Ponte da Rata.

C.

Anuncios

ARREMATAÇÃO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 20 do corrente mez, por 11 horas, á porta do tribunal judicial da comarca e na execução por multa que o Ministério Público move contra Maria Garrelhas, menor, filha de Francisco Garrelhas, da Gafanha da Nazaré, volta pela segunda vez á praça para ser arrematada a sexta parte de uma terra lavradia com um bocado de monte, chamada a *Costinha*, sita na Gafanha da Nazaré, avaliada, a sexta parte, em 50$ e vae á praça por 25$.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para usarem dos seus direitos.

Aveiro, 9 de julho de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Citação edital

(1.ª publicação)

Por este juizo, escrivão Marques, correm éditos de 30 dias a contar da 2.ª e ultima publicação dêste anuncio, citando os interessados João Fernandes da Cruz, José Fernandes da Cruz, ambos maiores, e Antonio Fernandes da Cruz, menor pubere, todos solteiros, auzentes em parte incerta do Brazil, para assistirem a todos os termos, até final, do inventario orfanologico a que se procede por obito de seu irmão e tio Manuel Fernandes da Cruz, solteiro, falecido em Cantanhede, em que é inventariante a irmã Maria Fernandes da Cruz, sendo o primeiro interessado tambem como crédor para deduzir os seus direitos.

Aveiro, 1 de Julho de 1913.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Regalão

O escrivão,

Francisco Marques da Silva